

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!



# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## UMA POLÍTICA EXTERNA CONDENADA A TOTAL FRACASSO

É destino dos regimes reaccionários, divorciados das amplas camadas populares de povo do seu país e dos outros povos, de contarem na sua acção com acontecimentos impossíveis e de confiarem em forças que já o não são. O governo de Salazar é um exemplo vivo dessa política reaccionária.

O governo salazarista contava com uma vitória, na Segunda Guerra Mundial, das potências fascistas do eixo Berlin-Roma-Tóquio, mas ao fim e ao cabo foram estas potências que foram derrotadas. Foram derrotadas porque, militarmente não eram as mais fortes e, sobretudo, porque contra elas estava a opinião pública mundial, estavam milhões e milhões de pessoas simples, que os governantes norte-americanos, ingleses, franceses e de muitos outros países não podiam ignorar nem tinham então forças bastantes para contrariar.

O governo de Salazar esperava que o conflito da Coreia fosse o rastilho de uma nova guerra mundial, particularmente uma guerra de agressão contra a União Soviética e contra a República Popular da China e, afinal de contas, foram os agressores norte-americanos que foram derrotados. Isto, porque ao lado do heróico povo coreano estavam os voluntários chineses, e, também, porque contra a vil agressão ao povo coreano estava a opinião pública mundial, estava o desejo de paz expresso por milhões e milhões de pessoas em todos os países do Mundo.

### O governo de Salazar é contra o avanço dos povos

Sempre que um povo, em qualquer parte do Mundo, luta pelas suas liberdades e pela sua independência nacional, é certo ter contra ele a opinião dos governantes salazaristas. A luta dos povos da Indonésia e da Indochina pela sua libertação do domínio dos colonialistas teve contra eles a imprensa salazarista e a má vontade do governo de Salazar. A luta do povo egípcio do povo da Argélia, em defesa da sua soberania ou pela sua independência, é olhada com ódio mal contido pelos salazaristas da imprensa salazarista e pela camarilha governante. A luta do povo húngaro em defesa das conquistas do socialismo e contra os conspiradores fascistas de Horthy enche de raiva impotente Salazar e os seus ministros. As vilidões seguidas da causa da paz no Mundo e os triunfos diplomáticos da União Soviética e de outros países do campo socialista mundial causam desespero e provocam derrota nos salazaristas e nos adeptos do Estado Novo e, até, nos seus próprios dirigentes, como o testemunham as mensagens de Salazar à Legião e a do general Craveiro Lopes no dia de Ano Novo. Lá onde os povos fazem valer a sua vontade, lá onde triunfam os princípios da

segurança colectiva, da paz, da independência das nações, lá onde a humanidade progride e avança é motivo de ódios, de calúnias, de más vontades dos reaccionários portugueses e estrangeiros.

O que desespera a reacção salazarista e a reacção internacional é que hoje as forças do imperialismo e da reacção se sentem impotentes para travar a luta dos povos pela Democracia e pela Independência Nacional. As calúnias, o ódio dos salazaristas e dos seus patrões imperialistas estrangeiros, as suas conspirações, não conseguiram, não conseguem nem conseguirão travar a marcha dos povos. O rodar da História está contra as forças da reacção e do imperialismo, embora isso lhes custe muito a aceitar e elas procurem dar às massas uma ideia inteiramente contrária. Hoje o campo da paz e do socialismo é já mais forte do que o campo imperialista e, por isso mesmo, os reaccionários são forçados a morder raiosamente o pó da derrota, como sucedeu recentemente aos colonialistas ingleses e franceses no Egipto, como sucedeu aos fascistas húngaros, como há-de suceder inevitavelmente aos colonialistas portugueses em Goa e aos colonialistas franceses na Argélia.

### O apoio da reacção internacional não salvará o regime

Em todos os tempos os reaccionários se procuraram apoiar uns nos outros e fizeram das suas fraquezas forças. O regime fascista de Salazar teve desde os seus primeiros dias de existência o apoio de reacção imperialista internacional e do Vaticano. Salazar teve como aliados Hitler, Mussolini, Horthy, Piłsudski, Antonescu, Pétain e outros ditadores fascistas que a vontade dos povos já varreu do Poder e tem, ainda neste momento, o apoio dos círculos imperialistas e reaccionários dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França, assim como tem como aliados naturais Franco, Adenauer e outros governantes áberis ou encapuçadamente fascistas. PORÉM, TODAS ESTAS PROTEC-

(continua na pág. 2)

## ENFRENTANDO A REPRESSÃO FASCISTA MAIS DE 5.000 ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RECLAMAM PERANTE A ASSEMBLEIA NACIONAL LIBERDADE DE REUNIÃO E DE ASSOCIAÇÃO!

As grandes manifestações e as numerosas reuniões e protestos dos milhares de Estudantes de Coimbra, Lisboa e Porto, efectuadas em Dezembro, contra o decreto do Governo que visa liquidar as suas Associações, e de que demos notícia no Avante N.º 225, obrigaram o Ministro da Educação a vir o público com um esclarecimento ao decreto e forçaram o Governo a submetê-lo à Assembleia Nacional para discussão, ao contrário do que era seu propósito.

### Quem provoca a desordem?

No dia 16 de Janeiro, dia marcado para a discussão do decreto na Assembleia Nacional, muito antes da abertura da sessão, começaram a concentrar-se estudantes que eram logo dispersos pelas forças repressivas da PIDE e P.S.P. concentrados à volta da A. Nacional, a pé, em geeps e em carros de assalto armados e munidos de altos falantes e postos de rádio.

Como os estudantes tentassem demonstrar aos oficiais da polícia quais os seus propósitos e o direito que lhes assistia de se dirigirem à A. Nacional, foram espancados à bastonada e a cacetele com tal fúria e desumanidade que das janelas dos edifícios próximos se levantaram protestos clamorosos contra as forças repressivas.

Já em número de muitas centenas, os estudantes não se deixaram intimidar, queriam chegar à Assembleia Nacional e haviam de conseguí-lo!

Indignados, dirigiram-se em massa ao Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, donde os dirigentes académicos telefonaram ao Ministro da Presidência e ao Comendador Superior da P.S.P., responsabilizando-os pelo que estava a acontecer e pelos acontecimentos que se produzissem a partir desse momento, pois estavam decididos a fazer-se ouvir pela Assembleia Nacional.

Fecé à unidade e determinação dos estudantes, os governantes salazaristas foram obrigados a fazer cessar as agressões e provocações e a permitir que os estudantes peneirassem em massa na A. Nacional, enchessem todos os lugares reservados ao público e às escadarias, num total superior a 1.500. Como os próprios jornais diários noticiaram, muitas centenas de estudantes que não tiveram lugar no interior do edifício, não arredaram pé enquanto durou a discussão do «decreto». No interior e no exterior da Assembleia Nacional concentraram-se, assim, mais de 3.000 estudantes.

### Dentro da Assembleia Nacional a juventude estudantil grita em defesa dos seus direitos!

No decorrer do debate, alguns deputados pronunciaram-se em desacordo com o decreto do governo, na parte que visa os direitos dos estudantes, justificando as reclamações destes.

O deputado Eng. Daniel Barbosa, no seu discurso, defendeu a independência das Associações dos Estudantes e condenou o decreto-lei do governo declarando que a solução nele preconizada para os problemas dos estudantes não se justifica nem é a que mais convém.

Os estudantes que ocupavam as principais galerias da Assembleia, aplaudiram demoradamente e calorosamente, de pé, estas afirmações do Eng. Daniel Barbosa que correspondiam às suas reclamações.

Esta grandiosa manifestação dos estudantes em defesa dos seus direitos levou A ASSEMBLEIA A RECUSAR A APROVAÇÃO DO DECRETO-LEI DO GOVERNO, E A RECOMENDAR QUE LHE SEJAM FEITAS EMENDAS DE ACORDO COM AS RECLAMAÇÕES DOS ESTUDANTES.

Tendo baixado à Câmara Corporativa, já não como decreto-lei mas sim como proposta de lei, para esta dar o seu parecer, o decreto voltará a ser apreciado pela Assembleia Nacional no dia 21 de Fevereiro.

Este facto, que traduz já uma importante vitória dos estudantes, não deve entretanto desarmá-los. A Câmara Corporativa assim como a Assembleia Nacional têm o dever de ouvir a voz dos estudantes e ter em conta as suas justas reclamações.

No entanto, caso a Assembleia Nacional e o Governo continuem surdos aos justos protestos dos estudantes, esta e outras acções mostram que eles estão dispostos a recorrer a outras formas de luta até obterem liberdade e autonomia para as suas Associações Académicas.

Mantendo-se unidos e dispostos a lutar por todas as formas, não se deixando enganar com manobras e promessas dilatórias, nem intimidar com ameaças e provocações, os estudantes alcançaram a vitória!

## 31 DE JANEIRO DE 1891 — UMA DATA NACIONAL

Há 66 anos o povo português levantava-se contra o regime monárquico que afundava Portugal na maior ruína. Tal como hoje acontece contra o regime salazarista, também nos anos de 1890-91 se acentuava um crescente descontentamento contra a camarilha reaccionária de então. De Norte a Sul do País lavrava um ambiente efervescente de republicanismo que foi mais estimulado ainda com o ultimato do governo inglês. A apatia dos governantes perante

este ultraje à soberania nacional opõe-se a Nação inteira. Inicia-se em Lisboa um vasto movimento popular que elastra por toda a metrópole e pelo ultramar. As próprias Câmaras Municipais desempenham um papel preponderante, chegando a Câmara de Lisboa a ser dissolvida pelo governo de então que queria abafar os sentimentos patrióticos do povo porque neles via já o princípio da derrocada do regime monárquico. Com efeito, a 31 de Janeiro de 1891 dá-

-se o primeiro choque violento e decisivo entre o povo e o regime monárquico. As forças republicanas presentes identificam-se com toda a Nação: «Hoje, quem diz Pátria, diz República» — escrevia Guerra Junqueiro. A mudança de regime começa a aparecer aos olhos de toda a Nação como uma necessidade premente. A monarquia não existiu em 1891, mas a revolução de 31 de Janeiro constituiu uma contribuição valiosa para a implantação da República 19 anos mais tarde, em 5 de Outubro de 1910.

O sangue dos que cecaram em 1891 não correu em vão. Uma causa quando é justa, quando ganhou raízes fundas na consciência do povo, pode aparecer momentaneamente derrotada, mas acaba sempre por triunfar.

Esta data gloriosa tem particular significado ao comemorá-la sob o regime fascista. Hoje, como em 1890-91, o povo português levanta-se contra a política de abdicação nacional do governo de Salazar, contra o domínio estrangeiro, contra um regime que actua de costas viradas para o povo, que esmagava violentamente as más caras aspirações nacionais de uma vida livre, independente e pacífica.

A revolução de 31 de Janeiro é um exemplo vivo para todos os democratas, uma demonstração clara da força indomável da unidade nacional, única capaz de alcançar a vitória sobre o odiado regime salazarista, única capaz de decidir os destinos da Pátria.

## TODOS AO RECGENSEAMENTO!

As operações de recenseamento dos cidadãos eleitores iniciaram-se no dia 15 de Janeiro e estender-se-ão até à primeira quinzena de Março. Pensa o Partido Comunista e pensam os restantes partidos, que neste sentido se tem pronunciado, que é dever cívico de todos os democratas, de todos os portugueses patriotas inscreverem-se e promoverem a inscrição nos cadernos eleitorais de todos os homens e mulheres com direito a voto, sejam eles democratas ou das esquerdas, sejam eles democratas ou não.

Numa missão cívica que o governo de Salazar é incapaz de cumprir (por ser ele quem impede grande número de portugueses de poderem votar, ao riscar os seus nomes dos cadernos eleitorais) os democratas e anti-salazaristas devem promover a inscrição de todos os cidadãos eleitores, sem exclusivismos, sem distinção de opinião política e exigir, depois, das autoridades, certificação desses inscritos.

As Comissões Recenseadoras ou Eleitorais criadas ou a criar devem, consequentemente e em nossa opinião, ser compostas por portugueses patriotas e anti-salazaristas, sejam eles democratas ou não, desde que esses portugueses estejam dispostos a trabalhar pelo recenseamento de todos os cidadãos com direito a voto.

Pelo recenseamento de todos os portugueses com direito a voto!  
Pelo formação imediata de Comissões Eleitorais ou Recenseadoras!

## LIBERDADE PARA ÁLVARO CUNHAL!

Terminou em 24 de Janeiro a pena e mais um ano de medidas de segurança a que foi condenado o destacado democrata e patriota português, Álvaro Cunhal.

O governo prepara-se para o manter encarcerado ilegalmente. Exijamos a sua libertação.

## MAIS DESPESAS MILITARES, MAIS SOLDADOS PARA GOA!

Indiferente à ruínosa situação económica do País e da grande massa do povo português, o governo de Salazar mostra-se disposto a continuar em 1957 a sua política militarista e colonialista de 1956.

Segundo o Orçamento Geral do Estado para 1957, MAIS DE 27 POR CENTO de todo o despesa orçamentada será absorvida com as forças armadas, pois o governo conta gastar com elas 2.161.264 contos!

Os compromissos assumidos pelo governo de Salazar ante os círculos governantes dos Estados Unidos, através do Pacto do Atlântico, aliados ou envio de más tropas para Goa, e a sua manutenção lá, estão a custar ao País rios de dinheiro, pois nos 3 últimos anos as tropas estacionadas em Goa custaram ao País mais um milhão de contos.

No mês de Janeiro deste ano o governo enviou para Goa novos contingentes militares, o que serviu de pretexto ao ministro da Defesa, Santos Costa, para fazer afirmações provocadoras de mais conflitos e derramamento de sangue com os povos de Goa e da Índia, pois se dirigiu aos soldados que partiram como se eles fossem, de facto, pa-

ra e guerra contra os povos que ele, colonialmente, chama «os bárbaros» do Oriente.

(continua na pág. 2)

## LIBERDADE PARA A COMISSÃO CENTRAL DO M. N. D. ! LIBERDADE PARA OS JOVENS DO M. U. D. JUVENIL !

A prisão prolongada por longos e longos meses e mesmo anos, sem julgamento, é agora mais uma nova e vil manobra utilizada pelo salazarismo contra os democratas. Assim acontece com a Comissão Central do Movimento Nacional Democrático, assim aconteceu com os jovens do Movimento de Unidade Democrática Juvenil, que aguardavam julgamento há cerca de dois anos!

As ilegalidades e a repressão, as arbitrariedades salazaristas só serão delidadas pela força invencível da unidade de todos os democratas, pela larga agitação que todos os demo-

cratas fizeram no seio das vastas massas, no sentido de ganharem o seu apoio e de transformarem em acções concretas de luta contra a repressão e por uma ampla amnistia.

A libertação dos 52 jovens que estão a ser julgados no Plenário do Porto e a libertação da Comissão Central do Movimento Nacional Democrático, serão um facto, constituirão mais uma vitória das forças democráticas, as estas soberenamente unidas, se estas fizerem, dos julgamentos, decisivas jornadas de luta pelas liberdades democráticas, pela unidade e por uma ampla amnistia para todos os presos políticos.

CRÓNICA INTERNACIONAL

# A "DOCTRINA EISENHOWER" É UMA DOCTRINA COLONIALISTA

A «doutrina Eisenhower», agora anunciada o falsamente justificado com uma imaginária ameaça soviética aos países do Próximo e Médio Oriente, é uma grosseira tentativa para fazer dos Estados Unidos o herdeiro das posições colonialistas que ingleses e franceses foram obrigados a abandonar em consequência da derrota da sua vergonhosa aventura imperialista contra o Egipto.

Os americanos desmascaram o seu jogo quando se propõem preencher o suposto «vácuo» deixado pela saída forçada dos ingleses e franceses do Egipto. Mas os povos árabes já não se deixam enganar facilmente, como bem disseram o Presidente Nasser e o primeiro Ministro indiano Nerhu, o «adicto» deixado pela saída dos colonialistas, a existir, deve ser preenchido pelos próprios povos árabes e não por outra potência colonialista. Neste sentido se pronunciaram já vários Estados árabes, rechaçando a «doutrina Eisenhower» e denunciando os seus objectivos imperialistas.

Está agora mais claro para toda a gente porque razão os E. Unidos se manifestaram contra a ocupação do Suez por parte dos anglo-franceses. Não foi pelo seu amor à Paz mas sim porque os imperialistas americanos não desejam concorrentes no domínio dessa região. Os monopolistas americanos desejam apossar-se das posições colonialistas que os ingleses e franceses foram obrigados a abandonar no Próximo e Médio Oriente, aumentando assim, mais ainda, os seus já fabulosos lucros com a exploração das riquezas petrolíferas dessa região à custa da miséria dos árabes, legítimos donos dessas riquezas.

A «doutrina Eisenhower», que diz defender a independência dos povos árabes, surge no momento em que estes povos estão conseguindo êxito no caminho da consolidação da sua soberania nacional, após terem escuraçado do seu solo o domínio imperialista da Inglaterra e após terem repellido os agressores ingleses e franceses do Canal de Suez.

Os povos árabes sabem que não é a União Soviética que ameaça a sua independência. A ameaça à soberania e independência dos povos árabes existe sim da parte dos E. U. e dos seus principais parceiros no bloco agressivo da Nato — os ingleses e franceses que agrediram o Egipto.

Também não é a União Soviética que tem bases militares no Próximo e Médio Oriente nem tão pouco explora as riquezas desses países. São os americanos e ingleses que ocupam as bases militares, que exploram as riquezas petrolíferas desses povos e que constantemente os provocam utilizando as bases militares que instalaram pela força no seu território.

Para enganar os povos árabes, o presidente Eisenhower promete-lhes ajuda económica. A verdade é que a promessa ajuda económica é uma esmola oferecida a estes povos depois dos E. U. os terem espolpiado da sua principal riqueza — o petróleo nacional — que rende milhões de dólares aos monopolistas americanos.

Os estados árabes que sofreram uma prolongada dominação colonial, não se deixaram enganar pelos novos pretendentes ao domínio colonialista nessa região, que a

máscara da «doutrina Eisenhower» não consegue esconder.

A ameaça de utilização da força por parte dos Estados Unidos para defender as suas posições colonialistas nessa região do globo, demonstra que os círculos imperialistas americanos não tiraram todas as conclusões da fracassada agressão ao Egipto.

Os povos árabes têm a consciência da sua força e da justiça da sua causa. Contam com amigos sinceros nos povos da União Soviética da China Popular e nos demais países do campo da Paz e do Socialismo. Contam com a solidariedade e apoio activo do poderoso conjunto de povos afro-asiáticos e com a simpatia da opinião pública internacional.

Numa recente declaração conjunta, os governos Soviético e da República Popular da China, ao mesmo tempo que condenam a «doutrina Eisenhower», oferecem aos povos árabes a continuação da sua desinteressada ajuda para a consolidação da sua soberania e defesa da sua independência, mais do que nunca ameaçadas pelas apertadas insaciáveis dos monopolistas americanos e pelos planos de dominação imperialista dos E. Unidos.

A derrota da agressão imperialista ao Egipto deve fazer meditar os agressores pois, tal facto, demonstrou que as forças que se pronunciam pela Paz são hoje suficientemente poderosas para fazer fracassar os maneios dos agressores imperialistas. Fortalecidos com este apoio, os povos árabes foram capazes de abandonar a doutrina colonialista de Eisenhower e saberão consolidar a sua soberania e independência.

## FALA UMA MULHER TRABALHADORA

Uma mulher simples, trabalhadora e dona de casa, diz-nos algumas coisas interessantes sem termos o propósito de a entrevistar.

Apercebendo-se de que linhamos qualquer actividade contra o fascismo perguntou-nos:

— Não têm medo de ser presos? Respondemos encolhendo os ombros, sorrindo:

— Quem nos prende tem que nos soltar... E neste tempo já não pode haver medo, porque as condições do povo são cada vez piores, e com medo não se faz para as melhorar.

— Isso é verdade, sim, senhor! E os grandes cada vez têm mais. Olhe este aqui da fábrica, há tempo, foram 600 contos! Só numa festa a uma filha. Tem dinheiro para tudo, tudo à larga. E para dar aumento aos operários é um salário. Só depois de lutarem muito e só de 10%, quando a C. U. F. dá 15%.

— Isto cada vez está pior, é verdade! A gente agora nem tem socorros. O hospital agora não é para os pobres, porque é tudo pago. Um dia destes vive que lá ir, mandaram-me a conta. Eu não tinha dinheiro não pude pagar. Daí a pouco mandaram-na outra vez, já era maior, quase o dobro. A caridade acabou-se, que se eu agora for para a Mitra ninguém me dá nada, vão arrancar o meu sustento ao salário dos meus filhos! Um dia destes uma velhota dali da fábrica veio para casa, com 70 anos, com mais de 40 anos de casa. Sabe com que reforma? Com 3500 por dia! Diga-me cá o que vai ser daquela mulher com aquela idade? Aqui há uns anos, ali na fábrica, os operários pediram aumento. Os patrões não davam e os operários foram para a greve. Entravam tal qual como se fossem trabalhar, vestiam os seus fatos de trabalho, iam para os seus lugares. Mas aí cruzavam os braços

após longos meses de luta persistente os trabalhadores da Carris de Lisboa vieram agora os seus salários aumentados de 8500 diários a partir de Janeiro. Receberam, além disso, 600\$00 como compensação pelo facto do aumento já ter sido prometido desde Junho passado.

Esta importante vitória de cerca de 6.000 trabalhadores da Carris de Lisboa vem mais uma vez demonstrar que só pela sua unidade e persistência na luta, os trabalhadores conseguem ver melhorados os seus salários. A vitória dos operários da Carris veio

## MAIS LUTAS VITORIOSAS

NA C. P., EM LISBOA, 70 trabalhadores eventuais já com 10, 15 e 20 anos de casa que em virtude do fémigerado «Acordo Colectivo de Trabalho» imposto aos trabalhadores da C. P. não foram incluídos no quadro auxiliar, fizeram uma exposição ao Ministro das Corporações reclamando a sua integração.

Nos escritórios da Companhia, também em Lisboa, a nova categoria de dactillografos-mecanográficos que tinha ficado sem o subsídio de 250\$00 depois do «Acordo de Trabalho», reclamaram e conseguiram que lhe fosse dado de novo o subsídio. Depois disso, também as restantes mulheres dactillografas reclamaram e conseguiram o mesmo subsídio.

NA CAVAM (Póvoa) Os operários alcançaram pela sua luta um aumento de 3 e 4\$00 em geral.

e não trabalhavam. Os encarregados perguntavam porque não trabalhavam, eles diziam que queriam aumento. Os encarregados não diziam mais nada iam comunicar ao patrão. Não havia um ralho, não havia uma desordem. Mas olhe, eu não sei onde é que havia tanta polícia, tantas metralhadoras, tantos carros, tanta coisa para vir contra os operários. Era as ruas cheias, um barulho infernal. Depois as mulheres a gritarem, pelos filhos, pelos maridos, umas desmaiavam, outras metiam-se no meio da polícia iam direito à fábrica.

Levaram os operários todos presos. Estavam todos unidos, mas olhe que era bonito. Até os aprendizes diziam: Se os nossos oficiais vão a gente também vai!

— E depois?

— Oh! vieram todos para a rua, quem os prende tem que os soltar, não é o que dizem? Mas melhorou-se, que nesse altura nem pôo havia, e depois houve aumento. Alguns é que ficaram mais tempo, diziam eles que eram os cabeças. E houve muitas desgraças, mulheres sem mais recursos, prenderam-lhes os maridos. Mas agora digame cá: aquilo era alguma coisa com o governo ou com a polícia? Havia alguma desordem ou os operários faziam alguma mal em pedir aumento, se o que ganhavam não chegava? São estas coisas que este governo faz?

— Pois é, e esta é uma das razões por que nós dizemos que o governo de Salazar só defende os interesses dos grandes. O direito de greve, que existia com outros governos, era uma arma dos pequenos e dos trabalhadores, para conseguirem defender os seus interesses, mas este governo roubou esse direito aos operários. Direito aliás que é reconhecido e que existe em quase todos os países do mundo.

# PELA SUA LUTA OS TRABALHADORES DA CARRIS CONQUISTARAM MAIS 8\$00 DIÁRIOS!

após longos meses de luta pelas mais variadas formas, desde as representações e abaixo assinados junto da gerência até às concentrações massivas junto do sindicato e do Ministério das Corporações, nos quais participaram milhares de operários e empregados.

Estamos certos que esta vitória constituirá um exemplo e um estímulo para todos os trabalhadores que, neste momento, estão a brigar com as maiores dificuldades para fazer frente, com os baixos salários, ao constante agravamento do custo da vida.

## CONTRA OS DESPEDIMENTOS

NA Têxtil do Sul (Alhandra) Houve mais um despedimento de 80 mulheres. Indignados, os operários e operárias decidiram-se a lutar contra os despedimentos tendo 400 operários assinado uma exposição dirigida ao Ministro das Corporações.

Os operários obtiveram o apoio dos comerciantes de Alhandra, que em número de 200 assinaram também a reclamação.

Uma comissão de operários dirigiu-se ao Presidente da Câmara de Vila Franca pedindo-lhe para os acompanhar ao Ministério das Corporações para fazer entrega da exposição. O Presidente não os acompanhou mas foi ele ao Ministro fazer entrega da reclamação dos operários e dos comerciantes.

A unidade dos operários e comerciantes de Alhandra mostra que estes últimos compreendem que ajudando a luta dos operários por trabalho garantido defendem também os seus próprios interesses. Sem ganhar, os operários não podem comprar.

Merece ser também salientado como um exemplo a seguir, o facto dos operários têxteis de Alhandra terem sabido chamar em apoio da sua luta as autoridades locais. Só é pena que tenham descansado na acção do Presidente da Câmara e desistido de serem eles próprios a acompanhá-lo ao Ministro.

## mais despesas...

(continuação)

A presença inútil das tropas portuguesas em Goa custará, segundo o Orçamento para 1957, 280.000 contos, ou seja SETE VEZES MAIS o que custarão todas as obras de melhoramentos rurais a realizar pelo governo neste ano!

Para ocorrer a este crescer contínuo das despesas com as forças armadas, o governo resolveu agravar as contribuições directas e indirectas e arrancar ao povo português mais 111.000 contos com os impostos directos e mais 140.000 contos com os impostos indirectos, ou seja UM AUMENTO GERAL DE MAIS 251.000 CONTOS!

As ruinosas despesas militares, aliadas a uma política colonialista e tucanhá, provocadora de conflitos, estão a tornar impossível o avanço económico e cultural do nosso país, estão a arruiná-lo progressivamente.

Contra esta política se levantaram já e continuam a levantar milhares e milhares de portugueses patriotas e amigos da paz. Só a luta unida e organizada do povo português contra a política de guerra do governo, contra a ligação do nosso país a pactos militares agressivos e no sentido de exigir do governo uma viragem imediata na sua política colonialista em relação ao povo de Goa, poderão trazer um alívio imediato à situação do País e do povo.

## QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

JULHO DE 1956	Guilherme	20.00
M. E. L.	400.00	Corvalho 30.00
NOVEMBRO DE 1956	Incolectual	
A Paz ven-	Comunista	500.00
cerá a	Libertação do	
guerra (F)	Alv. Cunhal	500.00
Alberto Araújo	« de C.	
40.00	Vitoriano	92.00
Amnistia	Lista 50	65.50
3.00	Lista 80	20.00
Aos presos e	Luta do Povo	120.00
perseguidos	Mais Pão	55.00
541.00	Milhões	
Apelo a um sim-	libeiro	1.071.00
pulzante	O amenhã	
400.00	será nosso	6.00
As mulheres	Operários	
vencem	Comunistas	70.00
25.00	Idem	100.00
Campanhas	Para a luta	15.00
8.00	Pela Libertação	75.00
Idem	«Nosso Povo	600.00
12.00	Pela Unidade	31.00
Carlos Costa	Pela Unidade	
300.00	da classe	
Idem	Operária	7.50
400.00	Persistência	
« Prestes	na luta	200.00
100.00	Pires Jorge	6.50
Idem	Proletários	70.00
100.00	Pró-Unitade	500.00
Certeza no	Rogério	
Futuro	Carvalho	20.00
552.53	Sempre a lutar	40.00
Colónias Pro-	do Partido	30.00
gressivas		
030.00		
Conjantes no		
Futuro		
20.00		
Constitutores		
na luta		
Vermeilhos		
7.50		
Contra		
Repressão		
250.00		
Dactillografo		
Vermeilho		
20.00		
Dois amigos de		
A. Cunhal		
14.00		
Emprego Y.º		
20.00		
F. Miguel (P)		
500.00		
Goa Livre		
405.08	TOTAL	9.642.40

NOTA: de «Libertação do Povo Português» recebemos um objecto que não especificamos

## UMA POLÍTICA EXTERNA CONDENADA AO FRACASSO

(continuação)

CÓES OU APOIOS ESTÃO CONDENADOS PELA LUTA DOS POVOS, PELO AVANÇAR DA HUMANIDADE. É isso que faz com que os últimos discursos de Salazar sobre a situação política internacional sejam francamente derrotistas e é isso que o faz dizer «que tem medo do medo»... dos outros reaccionários, como ele, e a razão porque os inclua à luta.

A política externa do governo de Salazar, na medida em que se integra nos planos da reacção internacional e se subordina aos objectivos dos imperialistas estrangeiros, traz, como consequências, sérios perigos para a vida pacífica do povo português, isola Portugal dum terço da humanidade (que vive no campo socialista mundial) e coloca o nosso país na dependência eco-

nómica e política dos grandes potências imperialistas, particularmente dos Estados Unidos.

A visita da Rainha Isabel de Inglaterra, serve ao governo de Salazar para os objectivos imediatos da sua propaganda interna e externa, mas nada mais fez do que comprometer o apoio dos reaccionários estrangeiros e dos círculos imperialistas, ao seu pupilo Salazar. Nem antes o governo do Eden nem agora o de Mac Millan contem com o apoio do povo inglês ou expressam o seu sentir. São pois forças precárias, instáveis, aquelas em que se apoia o governo de Salazar externamente.

A camarália governante mostra-se incapaz e embaraçada dos acontecimentos políticos e emocionais, mostra-se incapaz de errar caminho. As mensagens de Salazar à Legação de 8 de Dezembro último e a mensagem do general Craveiro Lopes, como Presidente da República, no começo deste ano, deixam bem a descoberto o ódio destes governantes do País à luta dos outros povos pela sua independência, mostram eloquentemente o seu ódio visgo às forças da paz, ao princípio da coexistência pacífica entre os povos e à organização das Nações Unidas, como instrumento da concórdia internacional. O que eles e outros reaccionários defendem abertamente são os chamadas «posições de força», a continuação da «guerra fria» (enquanto se não acharem com forças para irem para a guerra quente) e o reforçamento dos pactos

militares agressivos. O ministro da Defesa, Santos Costa, é mesmo mais claro, não duvida fazer afirmações quixotescas como estas: Portugal (leia-se o governo de Salazar) «não emenda os seus passos; não lhe importam as dificuldades, não discute o preço da sobrevivência».

De facto, o ministro Santos Costa expressou em poucas palavras toda a política da camarália governante. Ela não se mostra disposta a «EMENDAR OS SEUS PASSOS» contrários aos interesses do nosso povo e do nosso País; à camarália governante NÃO LHE IMPORTAM AS «DIFICULDADES» do nosso povo, os seus sofrimentos e sacrificios, por o governo estar divorciado da grande massa da Nação; a camarália governante NÃO DISCUTE O PREÇO DA SOBREVIVÊNCIA e por isso, para se manter no Poder, não hesita em aferrar portugueses contra portugueses e em fomentor por todas as formas a discórdia nacional.

Os próximos períodos eleitorais permitirão às forças democráticas e patrióticas nacionais pronunciar-se sobre a política interna e externa do governo.

Não vem longe o dia em que em Portugal, tal como já sucedeu em muitos outros países, a vontade do povo, a sua luta pela Democracia e pela Independência nacional, venha a pôr fim duma vez para sempre ao poderio e despotismo dos seus opressores salazaristas, causadores de infortúnios e desgraças para a Pátria portuguesa.

## AUXILIAI O "AVANTE!"

Se simpatiza com a acção do «Avante!» e se deseja que este baluarte da imprensa livre continue a viver e a levar a todo o país as notícias sobre a vida e a luta do nosso povo, auxiliai o «Avante!» enviando-nos a sua contribuição e formando à sua volta um grupo de Amigos do «Avante!».